

**REFERENCIAÇÃO E HUMOR
NA CONTRAFÁBULA “A RAPOSA E AS UVAS” DE JÔ SOARES**

Glaucimere Patero Coelho (UFES)

glauci.patero@hotmail.com

Raquel Camargo Trentin (FABRA)

trentinletras@gmail.com

RESUMO

Jô Soares, escritor, jornalista, entrevistador e dramaturgo, profissional com uma capacidade comunicativa bastante versátil, apresenta uma produção textual discursiva com efeito de sentido predominantemente humorístico. Autor de vários livros, o apresentador de programa de televisão é conhecido por sua criatividade e talento como comunicador. Nesse cenário, a produção de Jô Soares apresenta-se como um campo fértil de pesquisa, sobretudo no que se refere ao emprego de mecanismos linguísticos que orientam a argumentação textual. Portanto, dentre a vasta produção do autor foi selecionada, para fins de análise, a contrafabula “A raposa e as uvas”. A partir dos pressupostos teóricos da linguística textual de base sociocognitivista e interacionista, objetiva-se mostrar de que maneira as estratégias de referenciação, por meio da construção do objeto de discurso, promovem mudanças linguísticas e estruturais no texto de acordo com o propósito comunicativo. Estas, por sua vez, contribuem para o processo de significação, estando, portanto, relacionadas à deflagração do humor. Cabe ressaltar que o sentido humorístico é tomado como “uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão de mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam, e, assim, de desmontar falsos equilíbrios” (TRAVAGLIA, 1900, p. 55). Quanto ao referencial teórico, destacam-se, no processo de referenciação, os estudos de Koch (2005), Marcuschi (2008) e Cavalcante (2003). Nos estudos do humor, destacam-se Possenti (1998) e Travaglia (1900; 1992). Em síntese, o presente trabalho justifica-se na medida em que mostra a referenciação como um fenômeno que condiciona a produção de sentido dentro do texto e que contribui de modo efetivo para (re)contextualização, cedendo condições para que o leitor possa fazer as interpretações dos enunciados, de acordo com o ponto de vista proposto pelo enunciador, o que, por sua vez, contribui para a constituição do humor.

Palavras-chave: Referenciação. Humor. Contrafabula.

1. Referenciação na construção do objeto de discurso

Levando-se em consideração a abordagem atual da linguística textual de base sociocognitivista interacional, é possível salientar que muitos linguistas tem se interessado em estudar o texto como evento comunicativo, sobretudo quanto à sua produção de sentido dentro das ações discursivas da linguagem.

De acordo com essa perspectiva, destacam-se fenômenos como o

processo de referenciação, que tem sido bastante explorado por teóricos que se empenham em estudar o texto e seus eventos textuais-discursivos. A referenciação não é apenas uma maneira de rotular os elementos do texto, mas sim de dar-lhe sentido, pois pensar na produção textual focalizando a interação entre o texto, o mundo social, físico e cultural, constitui-se uma tarefa que requer um olhar direcionado para a linguagem como um produto de percepção sociocognitivista.

Compreendemos, portanto, que a referenciação está relacionada não a uma simples nomeação dos elementos textuais, mas sim à construção da realidade por parte de visões discursivas diferenciadas, sobretudo pelo contexto o qual se insere os elementos envolvidos na ação discursiva. Assim, de acordo com Koch (2005, p. 35): a referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido.

A participação do sujeito na atividade discursiva ocorre mediante estratégias que empregam uma reformulação textual, isto é, o sujeito dispõe de informações que ele insere no texto, de acordo com suas próprias escolhas. Referir não é uma atividade de “etiquetar” um mundo preexistente extensionalmente designado, mas sim uma atividade discursiva (essencialmente criativa), de tal modo que os referentes passam a ser objetos de discurso (MARCUSCHI, 2008, p. 142). Diante do que salienta o referido autor, é pertinente ressaltar que a referenciação é um fenômeno que não ocorre aleatoriamente, mas requer um propósito que apresente um resultado bem elaborado.

As operações de referenciação privilegiam os sujeitos sociais e históricos, que se constituem por meio de objetos de discurso, que se constroem pela interação dos sujeitos participantes da enunciação. Ainda segundo Koch (2011, p. 61):

Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

Então, vemos que os objetos de discurso não são construções estáticas, pois se moldam de acordo com a vontade do produtor textual, isto é, o caminho trilhado para as interpretações é direcionado pelas escolhas

referenciais pré-definidas.

Para elaborar suas escolhas, o locutor age estrategicamente, dispondo-as não como meras informações, mas sim como elementos constituintes do processamento do discurso. Entretanto, essas estratégias, se constroem dentro de um universo contextual, em que as interações tanto da linguagem, como dos conhecimentos compartilhados, se configuram nos objetos de discurso, cuja construção segundo Koch (2011, p. 125):

intervêm não somente o saber construído linguisticamente pelo próprio texto e os conteúdos inferenciais que podem ser calculados a partir dos elementos nele presentes (graças aos conhecimentos lexicais, enciclopédicos e culturais e aos lugares-comuns de uma dada sociedade), como também os saberes, opiniões e juízos mobilizados no momento da interação autor-texto-leitor.

Alguns autores como Koch (2005, 2011) explicam o processamento da construção e reconstrução dos objetos de discurso. Vemos então que esta atividade pode ocorrer por meio de operações básicas como a construção ou ativação; a reconstrução ou reativação e a desfocalização ou desativação. Vale aqui ressaltar a importância da reconstrução para a manutenção dos objetos inseridos no discurso, ou seja, estando em foco, é através da reconstrução que podemos verificar a progressão referencial do texto. Conforme explica Koch (2011, p. 67):

A reconstrução é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Pelo fato de o objeto encontrar-se ativado no modelo textual, ela pode realizar-se por meio de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos etc.), bem como por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais etc.)

É válido reiterar que os estudos acerca das expressões referenciais apontam uma classificação para cada estratégia empregada neste processo. A começar a cadeia referencial se processa por anáforas e catáforas. Conforme classificação apontada por Cavalcante (2003), as anáforas podem ser: anáforas diretas (correferenciais) e anáforas indiretas (não correferenciais). Todavia, segundo a autora:

Para haver continuidade, não é obrigatório, com efeito, que exista sempre retomada total ou parcial de um mesmo referente, como nas anáforas diretas. Pode ser que a ligação se estabeleça apenas entre uma âncora e outro elemento cotextual introduzido pela primeira vez no texto, como nas anáforas indiretas e encapsuladoras. (CAVALCANTE, 2003, p. 108).

Diante do exposto, priorizamos no presente trabalho a análise do

processo de referenciação anafórica, por meio de recursos de ordem lexical, pois através das expressões nominais, dos sinônimos, e da reiteração dos itens lexicais, é possível produzir uma sequência discursiva de categorização e recategorização dos objetos de discurso.

A referenciação é uma atividade ligada a ações cognitivas que influenciam na argumentatividade do texto, influenciando na produção de sentido. Notadamente, a deflagração do sentido humorístico em um evento textual discursivo, se processa mediante estratégias, tais como a referenciação. Isto é possível, pois ao construir o objeto de discurso, promovendo ao longo da tessitura textual sua categorização e recategorização, o referenciador o faz buscando manter seu projeto de dizer, logo, sendo a produção de um sentido humorístico, a referenciação tenderá para que a macroestrutural textual se complete promovendo um efeito risível. A análise do texto produzido por Jô Soares, “A raposa e as uvas”, seguirá apontando as estratégias de referenciação como atividade de construção de sentido e de (re)contextualização, segundo a ótica do produtor textual.

2. *Sobre a constituição do humor*

O humor é descrito, segundo Propp (1992), como a capacidade de percepção e de criação da comicidade, daquilo que faz rir. Travaglia (1990) vai além dessa definição, e compreende o humor, primordialmente, como a faculdade humana de desvelar, por meio do riso, sob a aparência do “não-sério”, aspectos da repressão imposta pelas regras sociais, pela cultura. A esse respeito, o autor afirma que é “uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão de mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam, e, assim, de desmontar falsos equilíbrios” (p. 55), tendo como base “o ataque ao estabelecido, à censura, ao controle social” (p. 59).

Sob essa perspectiva, Travaglia (1992) destaca que as principais funções do humor seriam: fazer rir, sem nenhum outro objetivo subjacente (riso pelo riso); romper com uma censura social, desmitificar um tabu (liberação); mostrar o ridículo de muitas instituições sociais (crítica social) e denunciar os comportamentos humanos explícitos que, embora praticados, não são admitidos pelas normas vigentes (denúncia).

Pode-se afirmar, portanto, que o humor não tem unicamente a função de divertir, de fazer rir, mas é intencional; consiste em um instrumento de desrotinização de vivências socialmente partilhadas, de con-

testação de valores. E as diversas finalidades atribuídas ao humor assentam-se na incongruência (ruptura do previsível, da determinação), a provocar a desarticulação de uma expectativa, a desconstrução de um modelo de mundo. Segundo Gil (1995, p. 111), “o humor se dá quando se quebram regras preestabelecidas, quando se transgridem as normas linguísticas e sociais”. A respeito disso, Romão (2001, p. 33) diz que:

A incongruência no cômico tem relação direta com a quebra das regras do código social de determinado povo; por esta razão, há piadas que só são compreensíveis para o povo que (re)conhece essas regras. [...] No texto cômico há um tipo de incongruência, que leva a alguma forma de ruptura do sentido do texto, o que se explica pelo fato de o sentido do texto fazer parte de regras que constituem o senso comum, próprio da comunidade linguística de que o locutor faz parte.

Isso ocorre porque o humor, enquanto veio discursivo, baseia-se em dois parâmetros principais, que estão interligados: o deslocamento e a contestação. Deslocamento é “uma estratégia constante no discurso do humor, sobretudo pelo seu potencial lúdico, de mudança de rota: o leitor espera algo e ocorre o inesperado” (FRANÇA, 2006, p. 90). Por contestação, entende-se como o “desvio em relação ao contexto social, mas pode representar um desvio dentro do próprio código linguístico” (FRANÇA, 2006, p. 122).

Portanto, para que haja a construção do sentido humorístico necessariamente tem que se instaurar a controvérsia, baseada na incongruência, a partir de temas sobre os quais há uma grande pletera de discursos, cada um enfocando o tema de um ângulo ou posição diferente (POSSENTI, 1998). Logo, o humor não pode cumprir sua funcionalidade se o indivíduo não compartilhar dessa coletividade, que faz com que certas perspectivas sejam tidas como “naturais”, “previsíveis”, e, conseqüentemente, suscetíveis de serem desarticuladas pelo humor. No caso da contrafábula de Jô Soares, a incongruência reside no fato de o autor subverter um texto que constitui uma memória social – no caso, a fábula atribuída a Esopo, como se verá a seguir.

3. *Fábula e contrafábula: breves considerações sobre os gêneros*

Segundo Bakhtin (2003, p. 282) até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas.

Dentro dessa perspectiva, podemos compreender que a comunicação humana, seja oral ou escrita, ocorre mediante a utilização de gêneros textuais, que são previamente selecionados pela escolha individual do falante, ou seja, por sua vontade discursiva. Destacando-se então alguns tipos de gêneros, existem as fábulas que fazem parte do cotidiano, pois estão intimamente ligadas às práticas sociais, históricas e culturais. Conforme salienta Bakhtin (2003, p. 293): Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas.

O gênero fábula faz parte de um imenso repertório de gêneros que compõe a comunicação humana. Segundo Bagno (2005, p. 51), a fábula é gênero literário muito antigo que se encontra em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos.

Semelhante aos contos populares e às lendas, a fábula é repassada tradicionalmente entre as pessoas, na maioria das vezes através de uma narrativa curta e muito simples, por meio de pequenos diálogos, vindo a se propaga sem que por muitas vezes seja possível atribuir a alguém a sua autoria. Dentre os diversos estudos conceituais sobre a origem das fábulas e suas características, destacam-se os da teoria literária, entretanto por ser aqui estudado não como gênero literário, mas sim como gênero textual, destacamos o conceito de fábula que tem origem nos escritos de Esopo (séc. VI a. C.) e Fedro (séc. I d. C.). A fábula, segundo consta no *Dicionário de Gêneros Textuais* (2009, p. 112), é um gênero de grande projeção pragmática por seu claro objetivo moralizador e de grande efeito perlocutório, próprio dos textos narrativos, pois vai ao encontro dos hábitos, das expectativas e das disponibilidades culturais do leitor.

É característica também das fábulas uma linguagem lúdica, que narra fatos imaginativos, sem precisar, especificamente, data e horário dos fatos, por não haver compromisso em relatar fatos reais. É comum nas fábulas a narrativa contar com a presença de animais, ao invés de seres humanos, para protagonizar o enredo. Esse gênero busca apresentar invariavelmente uma lição de moral em seu término, objetivando repassar valores, dentro de tradições e culturas da sabedoria popular com foco educativo e ético-moral. Segundo Bagno (2005, p. 51):

Até hoje, quando terminamos de contar um caso ou algum acontecimento interessante ou curioso, é comum anunciarmos o final de nossa narrativa dizendo: “moral da história”... Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas

que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas, algum ensinamento útil, alguma lição prática.

Conforme podemos entender os gêneros modificam-se por diversos motivos, principalmente por mudanças históricas nos estilos de linguagem. Então têm surgido a cada dia novos gêneros, e na maioria das vezes um gênero carrega características pertinentes a outro, devido às adaptações correntes da linguagem no cotidiano.

Assim, destaca-se também a construção textual da contrafabula, podendo ser caracterizada como uma paródia da própria fábula. Segundo Sant'anna (1999, p. 27): "a paródia está do lado do novo e do diferente, é sempre inauguradora de um novo paradigma, pois seu caráter é contestador".

Todavia, conforme postula Bakhtin (2003, p. 268), a passagem do estilo de um gênero para o outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero.

Assim, compreendemos que a contrafabula pode ser entendida como sendo um gênero, que tem sua origem nas fábulas tradicionais, pois a criação de um novo gênero não surge sem intenções, mas sim devido a necessidades comunicativas particularizadas. No tocante à contrafábula, não há muitos estudos quanto a sua produção. Entretanto, concluímos que o narrador, ao parodiar um texto base, intenciona modificar o conteúdo do enunciado alterando os valores instituídos na fábula clássica, sobretudo acabando por modificar o gênero ao produzir uma nova intenção comunicativa.

4. A raposa e as uvas: análise

A RAPOSA E AS UVAS UMA CONTRAFABULA

Passava certo dia uma raposa perto de uma videira. Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas, pois se trata de um animal carnívoro e não vegetariano, sua atenção foi chamada pela beleza dos cachos que reluziam ao sol. Fenômeno estranhíssimo, uma vez que, geralmente, toda fruta cultivada é revestida por uma fina camada protetora de inseticida e dificilmente pode refletir luz solar com tal intensidade.

Sendo curiosa e matreira, como toda raposa matreira e curiosa, aproximou-se para melhor observar a videira. Os cachos estavam colocados muito acima de sua cabeça, e o animal (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo grande conhecedor de frutas, bastou-lhe um olhar para perceber que as uvas não estavam maduras.

— Estão verdes — disse a raposa, deixando estupefatos dois coelhos que estavam ali perto e que nunca tinham visto uma raposa falar. Seu comentário foi ainda mais espantoso, uma vez que as uvas não eram do tipo moscatel e sim pequenininhas e pretas, podendo facilmente ser confundidas, à primeira vista, com jabuticabas. Note-se por este pequeno detalhe o profundo conhecimento que a raposa tinha de uvas, ao afirmar com convicção que apesar de pretas, elas eram verdes. Dito isto, afastou-se daquele local.

Horas depois, passa em frente à mesma videira outra *Canis vulpes* (nome mais sofisticado do mesmo bicho), mais alta do que a primeira. Sua cabeça alcança os cachos e ela os devora avidamente. No dia seguinte ao frutífero festim, o pobre bicho acorda com lancinantes dores estomacais. Seu veterinário, chamado imediatamente, diagnostica uma intoxicação provocada por farta ingestão de uvas verdes.

MORAL: Nem todas as raposas são despeitadas.

A contrafábula escrita acima demonstra bem as características do trabalho de Jô Soares. Escritor, jornalista, entrevistador e dramaturgo, Jô Soares apresenta uma produção repleta de humor e informação. Sua narrativa produz no leitor um efeito risível. Entretanto, o efeito de sentido que ela provoca não é exatamente um riso solto, haja vista que seu discurso é produzido por estratégias tais como a ironia, o sarcasmo, o óbvio, o jogo de semelhanças e o trabalho com a ambiguidade.

A partir dessas considerações, tomamos como aporte os estudos de Possenti (1998) sobre a teoria do humor. Dentre as características que o linguista traz sobre os estudos do humor, consideramos que Jô Soares apresenta um humor crítico, pois de acordo com Possenti (1998, p. 49):

O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos.

Podemos assim dizer que o humor de Jô Soares decorre mediante uma construção e desconstrução do sentido da própria linguagem, por promover uma quebra de expectativas quanto ao senso comum. Esta quebra de expectativas ocorre, pois, é comum nos textos do humorista a utilização de fatos cotidianos, de ditos populares, porém relatados de forma a subverter o sentido original, fazendo com que seu leitor se surpreenda.

Assim, o humor decorrente dos textos de Jô Soares é provocado pela construção de ações de linguagens que necessitam um esforço de reflexão, pois é possível perceber que o humorista ao produzir seu discurso o faz carregado de significações, de polissemia e de informações que re-

querem de seu leitor analogias não muito comuns.

É nessa perspectiva que nos propomos a analisar a contrafábula por ele produzida com base no processo de referenciação. Esta escolha é justificada, pois a referenciação é uma atividade discursiva que está intimamente ligada às reformulações textuais que interferem na contextualização, por ocorrer mediante o ponto de vista do enunciador, vindo a influenciar na intencionalidade do evento textual ao produzir um sentido humorístico. Conforme foi dito, focalizamos a análise, por meio da construção do objeto de discurso através dos recursos de ordem lexical. Seguimos então com a proposta dando destaque aos objetos de discurso “raposa” e “uvas”, como elementos de nossa análise.

A começar no título do texto “A raposa e as uvas”, identificamos a ativação de dois referentes “raposa” e “uvas” que são os objetos de discurso construídos ao longo da narrativa. A partir dessa ativação não ancorada se tem o seguimento narrativo, que possibilita ao leitor construir seus modelos mentais, sobre as características que seguem. No decorrer do texto vemos então como o objeto de discurso raposa é categorizado e recategorizado:

- 1– *um animal carnívoro e não vegetariano*
- 2– Sendo *curiosa e matreira*, como toda raposa matreira e curiosa
- 3– Os cachos estavam colocados muito acima de sua cabeça, e o *animal* (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo *grande conhecedor de frutas*, bastou-lhe um olhar para perceber que as uvas não estavam maduras.

Observamos que após a ativação, outra operação ocorre que é a reconstrução ou reativação, reintroduzindo assim o objeto de discurso através do substantivo “animal”, estando em foco no processo de discursivização, ou seja, após sua categorização, por vezes é reiterado dando seqüência à narrativa. Essa forma de remissão lexical traz um significado extensional para o objeto “raposa”, uma vez que o substantivo “animal” remete ao grupo nominal ao qual a raposa está inserida.

Ao destacar que se trata de “um animal carnívoro e não vegetariano”, o produtor textual demonstra a construção de seu plano discursivo com o auxílio de informações presentes na memória discursiva do interlocutor. Uma vez destacando a realidade sobre os hábitos alimentares da raposa, o enunciador contradiz a fábula clássica, que narra a história de uma raposa que deseja comer as uvas que estão no pé. Neste caso a reali-

dade veio em foco, visto a intenção discursiva do locutor em produzir um texto que difere do original, uma vez que a raposa, enquanto protagonista da história estaria desempenhando um papel ao qual ela não se encaixaria.

Na sequência que diz “Sendo curiosa e matreira, como toda raposa matreira e curiosa”, percebemos que o objeto de discurso é reconstruído com a utilização de itens lexicais que apresentam uma carga semântica semelhante, estando os vocábulos “curiosa” e “matreira” empregados como adjetivos para caracterizar a personalidade da raposa. Neste caso o locutor intenciona destacar características do objeto de discurso com base em informações que, esperadamente, façam parte do conhecimento de mundo do interlocutor. Ao categorizar a raposa como sendo curiosa e matreira, enfatizando tais características, espera-se que o leitor/ouvinte tenha um conhecimento cultural, visto que popularmente a raposa é conhecida como sendo um animal de hábitos ligeiros, e de ações estratégicas, ou seja, bastante esperta, sábia.

Conforme já foi discutido, os objetos de discurso se constroem e se configuram de acordo com as escolhas realizadas pelo produtor textual. Assim, vemos que a raposa é recategorizada no seguinte recorte:

4— ... o animal (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo *grande conhecedor de frutas...*

Ao explicitar que a raposa é uma grande conhecedora de frutas, nota-se que esta característica foi ativada pela escolha do locutor. Essa escolha refletiu a forma argumentativa que o locutor encontrou para a reconstrução de sentido que se pretendia no texto, embora esta escolha não venha a condizer com as características reais do objeto de discurso.

Nesse momento vemos que esta sequência em destaque vem em desacordo com o que foi dito anteriormente, haja vista que a raposa possui hábitos exclusivamente carnívoros, não tendo como ser uma grande conhecedora de frutas. Todavia esta referenciação realizada pelo locutor vem a ser confirmada no decorrer da narrativa contribuindo para a coerência textual, visto que, por outras vezes o narrador retoma a informação de que a raposa conhecia bem de frutas, a ponto de identificar que as uvas não estavam prontas para serem devoradas.

A cerca do objeto de discurso “raposa” vemos que no último parágrafo há uma desativação, pois um novo objeto de discurso é introduzido, tomando lugar de destaque na narrativa. Nesse momento, havendo

uma ativação, a raposa que até então protagonizou o texto, fica em segundo plano, tomando lugar principal outra raposa, assim categorizada:

- 5– Horas depois, passa em frente à mesma videira outra *Canis vulpes* (nome mais sofisticado do mesmo *bicho*), mais alta do que a primeira.
- 6– No dia seguinte ao frutífero festim, *o pobre bicho* acorda com lancinantes dores estomacais.

Para diferenciar os dois referentes, notamos que o locutor utilizou uma expressão lexical, não popularizada, ou seja, não genérica, sendo o nome original da espécie: *Canis vulpes*. É visível no texto tratar-se de uma forma mais sofisticada de nomear, pois percebemos que esta escolha vem em acordo com as características descritas deste referente, visto ser categorizado como sendo mais alta do que a primeira, isto é, ter características mais destacáveis.

Por ser mais alta, esta consegue se alimentar das uvas, entretanto devido ao exagero veio a ter um mal resultado, haja vista não ser uma conhecedora de frutas, fato que se destacou na recategorização da primeira raposa. Assim vindo a ser recategorizada como sendo “... o pobre bicho...”

A expressão lexical aqui presente “pobre bicho” é ativada como referente a um grupo nominal definido, além de ser um sinônimo de “animal”, expressão que apareceu reiteradamente no texto, é principalmente um hiperônimo de “raposa”, neste caso sendo apresentado em comum para os dois objetos de discurso que aparecem no texto.

Dando prosseguimento à análise, vemos o outro objeto de discurso em sua sequência discursiva, dando coerência à narrativa. Então, conforme já citamos, logo no título é possível identificar os dois elementos que se destacam, aqui passamos a analisar as “uvas”, assim apresentadas no decorrer da contrafabula:

- 7– ... *as uvas* não estavam maduras.
- 8– ... *as uvas* não eram do tipo moscatel e sim pequenininhas e pretas, podendo facilmente ser confundidas, à primeira vista, com jabuticabas
- 9– ... Horas depois, passa em frente à mesma *videira* outra *Canis vulpes*

10—... Sua cabeça alcança *os cachos* e ela os devora avidamente

O elemento lexical “*uvas*” é inserido no texto por meio de uma ativação não ancorada, logo após sendo reativado, dando continuidade à focalização do nódulo já construído.

Nas sentenças que seguem à ativação e a reconstrução do objeto de discurso “*uvas*”, é possível notar como o locutor categorizou este elemento, a fim de caracterizar aspectos da sua aparência em “*pequeninhas e pretas*”, visto que por não estarem maduras, aparentavam não estar adequadas para a alimentação, o que provocou o desinteresse da raposa que conhecia bem de frutas.

Na sequência abaixo, notamos que as “*uvas*” foram categorizadas pela expressão nominal “*videira*”. O termo destacado representa um grupo nominal definido, referindo-se às árvores que tem como fruto as *uvas*.

11—... Horas depois, passa em frente à mesma *videira* outra *Canis vulpes*

Logo após, e com seguinte sequência:

12—... Sua cabeça alcança *os cachos* e ela os devora avidamente” traz outro item lexical “*cachos*”.

Observa-se que o contexto permite a ativação deste item, por ser uma expressão popular de referência para esta fruta. Assim como “*videira*” o item “*cachos*” aparece no texto como um indicador de classes, categorizando o objeto de discurso “*uvas*” em correspondência com as instruções de sentido que aparecem rotulando o lexema nominalmente.

Destarte a escolha pelo processo de referenciação justifica-se, pois, ao construir um objeto de discurso o produtor textual o faz segundo seu ponto de vista, de acordo com seus conhecimentos e propósitos. Levando-se em consideração também que a contrafabula se constrói a partir de um contexto preexistente, em questão a fábula, é visto que o processo de referenciação como estratégia textual de produção de sentido, colaborou com a função argumentativa presente no texto. Assim, a (re) contextualização ocorreu, pois, o autor centrou-se na categorização dos objetos de discurso dentro de suas características típicas e culturais, para dar sequência a sua discursivização, que objetivava ir de encontro ao texto clássico, recontextualizando os fatos por sua ótica. Isso leva a constituição do humor pela incongruência, pela subversão de um texto que participa da memória coletiva, como mostra a tabela a seguir:

CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM “A RAPOSA E AS UVAS”, DE JO SOARES.	
<ul style="list-style-type: none"> • Desmitificação do caráter vegetariano da raposa da fábula atribuída a Esopo. 	<i>Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas, <u>pois se trata de um animal carnívoro e não vegetariano</u> [...].</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Temporalização da fábula atribuída a Esopo (realidade contemporânea) 	<i>Fenômeno estranhíssimo, uma vez que, geralmente, <u>toda fruta cultivada é revestida por uma fina camada protetora de inseticida</u> e <u>difícilmente pode refletir luz solar com tal intensidade</u>.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Inversão da própria constituição da fábula (a de ter animais que falam). 	<i>— Estão verdes — disse a raposa, deixando estupefatos dois coelhos que estavam ali perto e que <u>nunca tinham visto uma raposa falar</u>.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Inserção de uma segunda raposa, não presente na fábula atribuída a Esopo, que devora todas as uvas. 	<i>Horas depois, passa em frente à mesma vidreira <u>outra Canis vulpes</u> (nome mais sofisticado do mesmo bicho), mais alta do que a primeira.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Inversão da moral da fábula atribuída a Esopo (que personifica, na figura da raposa, o despeito). 	<i>MORAL: “Nem todas as raposas são despeitadas”.</i>

(Tabela 1 – Construção do Humor)

5. Considerações finais

Nem todas as raposas são despeitadas. É assim que finaliza a moral da história narrada por Jô Soares. Podemos notar que a narrativa foi construída objetivando trazer modificações no texto base, visto que a fábula, conforme já foi dito, trata de uma história fictícia e que por isso foge a verossimilhança.

Ao apontar, através do processo de referenciação, a construção do objeto de discurso, “raposa” e “uvas”, vemos que houve por parte do enunciador um esforço argumentativo de desmitificar o enredo clássico, no que se refere à raposa.

A categorização e recategorização dos objetos de discurso contribuíram para a proposta textual da contrafabula em questão, provocando uma (re)contextualização textual-discursiva. Isso é verificável, pois, embora não tenha sido apresentado o texto da fábula para comparação, no decorrer da narrativa há ações linguísticas que direcionam o contexto a outro olhar, isto é, através do olhar do enunciador a contrafabula não necessariamente traz como moral da história um entendimento moralizador, mas sim qualquer outro advindo das escolhas discursivas expressas pela construção de sentido da realidade pretendida.

Por fim é notória a opção do enunciador em subverter o contexto

não intencionando um ensinamento, mas sim um possível esclarecimento do que seria a real história se contada em outro gênero que não a fábula, trazendo então uma quebra de expectativas ao leitor que, na maioria das vezes, está acostumado ao enredo tradicional de uma fábula clássica, o que induz à deflagração do sentido humorístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Fábulas fabulosas*. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros_salto_praticas_de_leitura_e_escrita.pdf> Acesso em: 07-07-2012.
- BAKTHIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Trad.: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAVALCANTE, Monica Magalhães. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- FRANÇA, Maria Tereza Rego. *A construção linguística do riso nas crônicas de José Simão*. 2006. – Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GIL, Célia Maria Carcagnolo. Humor: alguns mecanismos linguísticos. *Alfa*. São Paulo, 39, p. 111-119, 1995.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges Maria. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Ler e Compreender os sentidos do texto: trajetórias e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2011.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

POSSENTI, Sírío. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

ROMÃO, Sidnei Cursino Guimarães. *Onde está a graça: análise da perlocução em textos humorísticos nos níveis explícito, implícito e metaplícito*. 2001. – Dissertação de (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG).

SANT'ANNA, Afonso Romano. *Paródia, paráfrase & Cia*. 4. ed. São Paulo. Ática, 1999.

SOARES, Jô. *O astronauta sem regime*. São Paulo: Círculo do Livro, [2013].

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. *D.E.L.T.A*, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/136823918/Jo-Soares-O-Astronauta-Sem-Regime-pdf>.

_____. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura: Estudos Linguísticos e Literários*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, 1992, p. 42-79.